

ASPECTOS URBANÍSTICOS DA ATUAÇÃO DA CRUZADA SÃO SEBASTIÃO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

URBANISTIC ASPECTS OF THE SÃO SEBASTIÃO CRUSADE IN THE CITY OF RIO DE JANEIRO

Rafael Soares GONÇALVES*
Caren Caroline Paulo FERREIRA**

Resumo: A Cruzada São Sebastião é frequentemente evocada pela sua atuação nas favelas, tendo, ainda, pouca reflexão sobre sua atuação na formação do Mercado São Sebastião. Com base em reportagens da mídia impressa e de documentos do acervo Maria Luiza e Edgard Amarante, confiados ao Núcleo de Memória da PUC-Rio, o presente artigo pretende iniciar uma reflexão sobre as intervenções urbanísticas da Cruzada São Sebastião no Rio de Janeiro. Para isso, abordaremos, em primeiro lugar, a formação da Cruzada São Sebastião para nos focar, posteriormente, na sua atuação no domínio da habitação e, por fim, na fundação do Mercado São Sebastião.

Palavras-chave: Cruzada São Sebastião. Favelas. Mercado São Sebastião. Helder Câmara.

Abstract: The Catholic organization Cruzada São Sebastião is often evoked by its activities in the favelas, and still has little reflection on its performance in the formation of the São Sebastião market. Based on media reporting and private documents from the acquis Maria Luiza and Edgard Amarante, entrusted to the PUC-Rio archives, this article intends to initiate a reflection on the urban interventions of the Cruzada São Sebastião in Rio de Janeiro. To this end, we will first discuss the formation of the Cruzada São Sebastião to focus on its work in the field of housing and, finally, in the foundation of the São Sebastião market.

Keywords: Cruzada São Sebastião. Favelas. São Sebastião Market. Helder Câmara.

Submetido em 28/06/2018.
Aceito em 01/04/2019.

* Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ) e pesquisador de produtividade do CNPQ (nível 2). Professor adjunto do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Rua Marquês de São Vicente, 225 (Vila dos Diretórios - casa 209), Gavea, CEP 22451-900, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. E-mail: <rafaelsgoncalves@yahoo.com.br>.

** Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. E-mail: <carenferreiranns@hotmail.com>.

Introdução

A Cruzada São Sebastião foi criada, em 1955, pelo então bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Helder Câmara, que exerceu forte influência política na cidade a partir da década de 1950. Dom Helder fez um longo percurso até ser conhecido pela sua atuação contra a ditadura civil-militar, após assumir a diocese de Olinda-Recife, em 1964. Integralista na juventude, Dom Helder se torna um dos maiores expoentes da Igreja brasileira e latino-americana após ser nomeado bispo auxiliar da diocese do Rio de Janeiro, em abril de 1952. Participou ativamente da criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ainda em 1952, e da CELAM (Conselho Episcopal Latinoamericano), em 1955, no contexto da realização do Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro, organizado, aliás, também sob sua direção.

Ainda no contexto desse congresso, o então bispo primaz da França, cardeal Dom Gerlier, estimulou Dom Helder a colocar sua capacidade de trabalho disponível para resolver o problema das favelas da cidade, o que o estimulou a criar, no mesmo ano do congresso eucarístico, a organização católica Cruzada São Sebastião (Gonçalves et alii, 2010). A Cruzada, como é comumente conhecida, era uma entidade privada, cujo objetivo principal era solucionar o problema das favelas da cidade. As ações adotadas pela Cruzada concentravam-se no seguinte tripé: urbanizar, humanizar e cristianizar e visavam urbanizar o conjunto das favelas do Rio de Janeiro até o quarto centenário da cidade, em 1965. As intervenções da Cruzada, como veremos no decorrer do texto, se revestiram de um discurso desenvolvimentista e de uma prática extremamente assistencialista e sob forte retórica anticomunista.

Usando recursos obtidos com o auxílio de subvenções públicas federais, de doações pessoais e de direitos concedidos pelo Poder Federal para aterrar e vender terrenos pantanosos situados entre a Avenida Brasil e a Baía de Guanabara (Decreto Federal no 39.635, de 19 de julho de 1956), a atuação da Cruzada trouxe importantes impactos urbanísticos para a cidade do Rio de Janeiro. Atuou em várias favelas, através da organização de redes de luz e água e da gestão de inúmeros centros sociais, construiu 48 apartamentos para reassentar moradores da favela do Morro Azul, no bairro do Flamengo, assim como levantou 10 prédios de sete andares, contendo 910 apartamentos no Bairro do Leblon para assentar moradores de favelas do entorno da Lagoa Rodrigo de Freitas, sobretudo da favela da Praia do Pinto. Esse conjunto de prédios foi denominado Bairro São Sebastião e constitui indubitavelmente a obra mais conhecida da Cruzada.

No entanto, a sua atuação não se restringiu ao bairro São Sebastião. Dom Helder pretendia obter recursos de forma autônoma para custear as intervenções da Cruzada São Sebastião. Os terrenos obtidos com o aterro, mencionado acima, foram comercializados para dar origem ao Mercado São Sebastião, um centro de abastecimento alimentício, fundado em 1962. Os recursos obtidos com a venda dos lotes deveriam ser usados justamente para custear os diversos projetos da Cruzada nas favelas cariocas. Segundo o artigo 3º do supracitado Decreto Federal, os recursos provenientes da comercialização desses terrenos seriam aplicados “na execução de obras de saneamento, melhoramento e aproveitamento das referidas áreas, bem

como na construção de conjuntos residenciais e obras sociais correlatas e nas demais despesas indispensáveis à urbanização e humanização das favelas do Rio de Janeiro.”

Com base em reportagens da mídia impressa e de documentos do acervo Maria Luiza e Edgard Amarante, confiado ao Núcleo de Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio),¹ o presente artigo pretende descrever a forma de atuar da Cruzada São Sebastião, analisando, mais especificamente, seus impactos urbanísticos sobre a cidade. Abordaremos, assim, em primeiro lugar, a formação da Cruzada São Sebastião, posteriormente sua intervenção nas favelas cariocas e, por fim, sua atuação na formação do Mercado São Sebastião.

1. “É preciso subir as favelas antes que os comunistas desçam de lá”²

A contundente vitória conquistada pelos comunistas nas eleições municipais de 1947 no Rio de Janeiro desencadeou uma resposta mais efetiva da elite carioca contra a pretensa ameaça comunista. Observa-se, assim, no contexto do pós-guerra, uma forte articulação política entre a Igreja e o governo municipal para atuar nas favelas cariocas. Conforme descrito no título desse item, o discurso católico se pautava na ideia, que era preciso subir as favelas antes que os comunistas as controlassem e de lá descessem para dominar a cidade e a sociedade. Baseando-se nos princípios da doutrina social da Igreja e sob a inspiração das encíclicas sociais (*Rerum Novarum* y *Cuadragésimo anno*), foi criada, em 1947, a Fundação Leão XIII, que significou um esforço da Igreja Católica para inserir-se nos bairros operários com o intuito de conter a influência comunista. Ela desempenhou, muitas vezes, o papel dos poderes públicos nesses espaços.

Nessa mesma direção, é fundada, alguns anos depois, a Cruzada São Sebastião. Consta no artigo 1º do seu Estatuto, que a mesma é uma associação civil, sem fins lucrativos, sediada na cidade do Rio de Janeiro e constituída para realização de inúmeros objetivos, dentre eles:

- a) - promover, coordenar e executar medidas e providências destinadas a dar solução racional, humana e cristã ao problema das favelas do Rio de Janeiro;
- b) – proporcionar, por todos os meios ao seu alcance, assistência material e espiritual às famílias que residem nas favelas cariocas;
- c) - mobilizar os recursos financeiros necessários para assegurar, em condições satisfatórias de higiene, conforto e segurança, moradia estável para as famílias faveladas;
- d) - colaborar na integração dos ex-favelados na vida normal do bairro e da cidade;
- e) - colaborar com o Poder Público com as entidades privadas em tudo aquilo que interessar à realização dos objetivos acima enunciados;
- f) - colaborar em providências para o retorno ao campo e migrantes de áreas sub-desenvolvidas, atraídos pelas luzes da cidade e aqui transformados em favelados;
- g) – exercer quaisquer outras atividades conexas e correlatas.³

¹ Maria Luiza Amarante foi ex-Secretária Executiva da Cruzada São Sebastião, era amiga e assessora de Dom Helder e viúva de Edgar Amarante, engenheiro, ex-professor da PUC-Rio, também amigo e assessor do arcebispo.

² Expressão utilizada pelos católicos para justificar suas intervenções nas favelas cariocas. Citado por Sagmacs (1960, p.38).

³ **Estatuto da Cruzada São Sebastião**, 1959. Núcleo de Memória da PUC-Rio. Acervo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

Através da análise dos objetivos, é possível compreender parcialmente o quadro de atuação política da Cruzada. O primeiro objetivo proposto situa com clareza o horizonte da Cruzada: solucionar “o problema das favelas do Rio de Janeiro”, o que implica, por um lado, o reconhecimento de que as favelas constituem “um problema” e, por outro, a convicção de que esse “problema” tem uma “solução” que, na perspectiva dos estatutos da Cruzada, deve ser triplamente qualificada por ser “racional, humana e cristã”. A partir da leitura desses objetivos, compreende-se que a representação da favela e seus moradores era, assim, extremamente negativa, condizente com a emergência das teorias da marginalidade da época, que, aliás, impactaram fortemente as políticas de assistência nas favelas (Valentine, 1972 e Perlman, 1977). Segundo uma das assistentes sociais da cruzada, Enny Guarnieri (1965: 64), muitos moradores:

não levam vida honesta e digna, é porque se deixam arrastar pelos maus exemplos, sofrem a influência do ambiente infra-humana da favela o que os leva a depreciação de si mesmo, uma vez que, não tendo recebido quase nenhuma educação e formação moral, não têm armas para se defender contra essa influência.

O segundo objetivo, bem no espírito da Igreja da época e das iniciativas de outras instâncias da sociedade face à população favelada, propõe uma via assistencialista na relação com “as famílias que residem nas favelas cariocas”. Duas observações parecem interessantes na formulação desse objetivo. A primeira é o fato de que o sujeito social alvo da ação da Cruzada era a família, compreendida, aqui, como a célula *mater* da sociedade. A segunda é o fato de explicitar a necessidade de “assistência material” para os favelados, quase como uma pré-condição para a “assistência espiritual”, citada em segundo lugar. O aspecto religioso era extremamente forte na atuação da cruzada. Nas atas de uma reunião realizada na Paróquia Santa Mônica de preparação das atividades da Cruzada, datada de 19 de outubro de 1955, foi ressaltado que dever-se-ia “aproveitar o levantamento dos moradores [da favela da Praia do Pinto] para descobrir os pagãos e os católicos afastados.”⁴ Enfim, a atuação social da Cruzada estava profundamente conectada com sua missão pastoral.

O terceiro objetivo sublinha o esforço do projeto em “mobilizar recursos financeiros necessários para assegurar condições satisfatórias de higiene, conforto, segurança e moradia estável” para os favelados. Esse esforço de autonomia financeira visava constituir certa independência de atuação da Cruzada em busca, do que afirma o quarto objetivo, colaborar na integração dos ex-favelados na vida normal do bairro e da cidade. Segundo Simões (2008), a proposta da Cruzada, como voltaremos a abordar no próximo item do capítulo, era contrária à expulsão dos favelados da cidade do Rio de Janeiro às periferias. Por sua vez, o quinto objetivo sublinha a necessidade de mobilização do “Poder Público” e das “entidades privadas” para a realização do que propõe. É interessante sublinhar que parte dos recursos da Cruzada vieram de

⁴ Núcleo de Memória da PUC-Rio. Fundo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

subvenções do Estado e que, em muitas favelas, agiu como se fosse o próprio Estado, provendo melhorias e serviços públicos.

O sexto objetivo relaciona diretamente a favelização da cidade à migração interna e propõe colaborar com tudo aquilo que contribua para o “retorno ao campo” de “migrantes de áreas subdesenvolvidas”. O pensamento da Cruzada se enquadra, repetimos mais uma vez, aos autores das teorias da Marginalidade (Harrington, 1962, Vilar et alii, 1970 e Lewis, 1972), que defendiam a dificuldade de integração do migrante rural à cidade, o que demandaria aos poderes públicos atuarem na promoção da volta do migrante ao campo ou no esforço de implementar técnicas de desenvolvimento de comunidades para adequar as favelas ao estilo de vida urbano. Nesse sentido, Dom Helder propôs, em reunião do dia 19 de outubro de 1955, na paróquia Santa Mônica, uma colônia para os favelados no interior do país: “A meu ver, nenhum favelado oporia obstáculo, sabendo que ia ser proprietário e futuramente viver em melhores condições.”⁵ Para isso, propunha uma grande campanha de recolhimentos de fundos: “Quem não contribuiria para tornar a ver o Rio, livre da chaga dolorosa das favelas.”⁶

Por fim, o sétimo objetivo, mais retórico que os seis anteriores, apenas explicita a abrangência do problema e a necessidade de atuar em todas as frentes direta ou indiretamente a ele relacionadas. A ideia era constituir uma ampla parceria entre Igreja e Estado, cujo articulador seria o próprio Dom Helder, hábil no diálogo com representantes de diferentes esferas e órgãos políticos e administrativos do Estado, com as diversas instituições privadas e com empresários, intelectuais e demais colaboradores.

2. Políticas habitacionais da Cruzada São Sebastião

Na perspectiva dos idealizadores da Cruzada, para ocorrer a humanização da população favelada é necessária a intervenção na cidade: a urbanização, ou seja, a promoção de melhorias nos locais de habitação popular. A Cruzada se fez presente em diferentes favelas. Já em 1958, o Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-higiênicas (SERFHA) construiu e transferiu para a Cruzada Postos Assistenciais em várias favelas.⁷ A Cruzada oferecia serviços jurídicos, médicos, dentários e de farmácia e promovia ações recreativas para os jovens e formação às mulheres, dentro do espírito de inculcar o modelo cristão de família. Também estavam incluídas oficinas de treinamento industrial e de confecções de roupas, para promover a geração de renda através da capacitação profissional. A Cruzada exerceu um papel importante também na urbanização direta de favelas, substituindo a centralidade exercida até então pela Fundação Leão XIII nesses locais. Segundo o *Jornal do Brasil*, de 11 de janeiro de 1962, a Cruzada já tinha

⁵ Núcleo de Memória da PUC-Rio. Fundo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

⁶ Núcleo de Memória da PUC-Rio. Fundo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

⁷ 12ª reunião do Conselho Deliberativo de 10 de maio de 1958. Núcleo de Memória da PUC-Rio. Acervo Maria Luiza e Edgard Amarantes, Caixa 1.

instalado nas favelas: 51 redes de luz; 9 reservatórios de água; 10 telefones públicos; escadarias e incineradores de lixo.

Além das inúmeras intervenções em várias favelas, a Cruzada São Sebastião procurou também se impor às associações de moradores. Influenciada pelas ideias do movimento Economia e Humanismo do Padre Lebret⁸, a Cruzada lançou um debate sobre o desenvolvimento de comunidades nas favelas. Assim, não só apoiou as associações de moradores, mas, em certos casos, interveio diretamente, posicionando-se como interlocutora direta entre os moradores e os poderes públicos, o que, evidentemente, provocou sérios conflitos entre a Cruzada e algumas associações (Gonçalves, 2013, p.157).

A Cruzada chegou a organizar um primeiro congresso dos favelados, em janeiro de 1957. Segundo dom Helder Câmara, "o Congresso de Representantes de Favela significa uma ponta de lança democrática em redutos que os comunistas imaginavam lhes pertencessem" (Citado por Parisse, 1969) Todavia, o fato de os representantes de cada favela serem designados pelo pároco local prova que esse congresso não era realmente representativo da realidade social das favelas (Gonçalves, 2013, p. 157). Em suma, como constata Lucien Parisse (1969), a Cruzada trabalhava para os favelados e não com os favelados.

No entanto, a intervenção mais conhecida da Cruzada foi a construção do conjunto de prédios no Bairro do Leblon, denominado, como mencionamos acima, de Bairro São Sebastião e, atualmente conhecido simplesmente como "Cruzada". De acordo com dom Helder Câmara, "para superar as lutas de classe, era necessário reaproximar as classes. Foi por isso que quisemos reassentar os pobres lá mesmo onde os ricos moravam" (Câmara, 1977, p.142). Assim, os moradores do Bairro São Sebastião vieram das favelas do entorno da lagoa Rodrigo de Freitas, sobretudo da favela da Praia do Pinto.

Os moradores teriam acesso à propriedade do seu apartamento, após um período de 15 anos de pagamento de prestações, cujo montante variava de 8 a 15% do salário mínimo, desde que respeitassem determinadas condições, como, por exemplo, a proibição de que os moradores alugassem, transferissem, ou modificassem os imóveis, sem a autorização expressa da Cruzada São Sebastião (Gonçalves, 2013, p.156). No entanto, os moradores não adquiriram a propriedade, já que o terreno onde foram construídos os edifícios não tinha sido transferido para a Cruzada pelo governo federal.⁹ Assim, após o pagamento das parcelas, os moradores não conseguiam registrar seus imóveis. A situação só foi ser regularizada na década de 1980, quando o conjunto foi inserido no projeto de regularização Cada Família Um lote do governo estadual de Leonel Brizola.

A atuação da Cruzada São Sebastião possuía um forte viés moralista e o Serviço Social exerceu um papel de destaque nesse processo seja através das visitas familiares das assistentes sociais, seja através dos inúmeros projetos sociais e a organização da própria vida associativa nas favelas e nos blocos de apartamentos construídos. A Cruzada chegou a redigir regras, em forma de decálogos, para homens, mulheres e crianças. Tratava-se de uma espécie de confrarias e tais regras tinham uma espécie de função

⁸ Sobre o padre Lebret e o movimento Economia e Humanismo, ver: (Bosi, 2012).

⁹ Como mencionado acima, foram construídos também 48 apartamentos no Morro Azul do Flamengo.

pedagógica de controle de hábitos e práticas, que não fossem condizentes com os novos cidadãos que a atuação da Cruzada almejava forjar (apud Targheta, 2017):

Decálogos da Cruzada São Sebastião

Cavalheiros de São Sebastião	Legionárias de São Jorge	Pequeninos de São Cosme e Damião
1. Palavra de homem é uma só	1. Questão fechada: casa limpa, arrumada e bonita	1. Nem covarde, nem comprador de briga
2. Ajude seu vizinho	2. Quando um não quer, dois não brigam	2. Desgosto aos pais, jamais
3. Bater em mulher é covardia	3. Anjo da paz e não demônio de intriga	3. Antes só do que mal acompanhado
4. Sem exemplo não se educa	4. Não vire a cabeça porque o marido não tem juízo	4. O que suja mão é pegar no alheio
5. Homem que é homem não bebe até perder a cabeça	5. Se o marido faltar, seja mãe e seja pai	5. Menino de bem não diz palavrão
6. Jogo, só futebol	6. Educar de verdade, sem palavrão, sem grito e sem pancada	6. Homem não bate em mulher; é triste mulher que se mete a homem
7. Difícil não é mandar nos outros: é mandar na gente	7. Seja liga com os educadores de seu filho	7. Não minta nem que o mundo se acabe
8. Comunismo não resolve	8. Não seja do contra: com jeito se vai à lua	8. Delicadeza cabe em qualquer lugar;
9. Quero meu direito, mas cumpro minha obrigação	9. Nada mais triste do que mulher que degenera	9. Quem não aproveita a escola se arrepende o resto da vida;
10. Sem Deus não somos nada.	10. Mulher sem religião é pior que homem ateu.	10. Quem não reza é bicho.

O decálogo, breve e escrito em linguagem popular, reproduz os preconceitos das premissas das teorias da marginalidade da época, e tinha o objetivo de moldar o novo cidadão almejado pela Cruzada. Nele, algumas observações recorrem à valores cristãos, tais como a solidariedade (“ajude seu vizinho”, “Quando um não quer, dois não brigam”, “Delicadeza cabe em qualquer lugar”); a honradez (“palavra de homem é uma só”), o autocontrole (“difícil não é mandar nos outros: é mandar na gente”, “Nada mais triste do que mulher que degenera”). Salientavam também práticas consideradas nocivas à vida em comunidade, tais como a violência contra a mulher, o vício do jogo e à bebida. Pelos decálogos, compreende-se também claramente os papéis distintos exercidos por homens e mulheres na sociedade (“Homem que é homem não bebe até perder a cabeça”, “Seja liga com os educadores de seu filho”).

Além do indiscutível aspecto religioso dos decálogos constituídos pelo último elemento, é possível observar uma forte retórica anticomunista na ação da Cruzada. Se um dos pontos dos decálogos anunciava claramente que “comunismo não resolve nada”, o regulamento do Bairro de São Sebastião proibia expressamente reuniões de caráter político em apartamentos dos edifícios (Coutinho, 1959).

O fato da Cruzada transferir os moradores para lugares próximos de suas moradias, em áreas nobres da cidade, suscitou fortes críticas, sobretudo de setores relacionados ao mercado imobiliário. Segundo editorial do Boletim de Imóveis e Construção: “Ouvimos dezenas de críticas à obra que D. Helder Câmara

está realizando na Praia do Pinto, críticas baseadas no fato de estar o ilustre prelado fixando, num dos melhores bairros da nossa cidade, uma população de indivíduos sem lei e sem moral.”¹⁰ De qualquer forma, a Cruzada se manteve fiel a essa premissa de reassentar os moradores nas proximidades das favelas onde moravam. Segundo a ata do Conselho Deliberativo da Cruzada, de 10 de março de 1959, apesar de órgãos públicos convocarem a participação da cruzada em certas iniciativas de remoção de favelas, Dom Helder manteve a sua posição:

“Dom Helder foi procurado pelo Dr. Penido, presidente da SURSAN [Superintendência de Urbanização e Saneamento], que lhe expôs as dificuldades financeiras de enfrentar uma urbanização na forma desejada, tendo sido reiterado que a Cruzada São Sebastião só interferirá em remoção de barracos, caso haja interesse por parte da P.D.F.[Prefeitura do Distrito Federal] em urbanizar”¹¹

Nessa mesma ata, o conselho deliberativo definiu que só participaria da remoção de 400 barracos na favela do esqueleto se fosse previsto a construção de habitações higiênicas e escolas primárias pela Prefeitura do Distrito Federal. É interessante sublinhar que, alguns anos depois, em 1964, essa favela seria removida pelo governo Carlos Lacerda e seus moradores transferidos para áreas distantes da cidade.

3. A construção do Mercado São Sebastião

Se a Cruzada é mais conhecida pelas suas intervenções no domínio da habitação, ela teve um papel central, e ainda pouco debatido, na criação do Mercado São Sebastião. O esforço da Cruzada em fomentar atividades econômicas e novos postos de trabalho dialogava perfeitamente com o discurso desenvolvimentista dos anos 1950, sobretudo durante o mandato de Juscelino Kubitschek.

Localizado no bairro da Penha, Zona Norte do município do Rio de Janeiro, o Mercado São Sebastião se localiza entre a Avenida Brasil e a Baía de Guanabara. A área, antes um mangue, pertencia ao Governo Federal e, sob pressão de Dom Helder Câmara, foi cedida à Cruzada, com a proposta de transferir os atacadistas que operavam no antigo Mercado Municipal. Localizado na Praça XV e com dificuldades diante do intenso fluxo de trânsito pelo centro da cidade, o antigo mercado já não mais comportava o número de associados e a grande quantidade de mercadorias que entravam e saíam diariamente dos galpões. Além disso, o Mercado Municipal estava condenado com a perspectiva de abertura do Elevado da Perimetral, que, aliás, passou literalmente por cima da área ocupada pelo mercado.

No entanto, a Cruzada não conseguiu acordo com a associação de comerciantes do antigo mercado. Na 6ª reunião do conselho deliberativo, de 10 de julho de 1957, foi aventada a resistência pela associação

¹⁰ Boletim de Imóveis e Construção, ano XXI, nº6.391, 11.05.1956. Núcleo de Memória da PUC-Rio. Fundo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

¹¹ Ata do Conselho Deliberativo da Cruzada, de 10 de março de 1959. Núcleo de Memória da PUC-Rio. Fundo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

comercial dos mercados municipais em se localizar em área da Avenida Brasil. Diante dessa resistência, a comercialização dos lotes do Mercado São Sebastião se voltou “para o aliciamento dos comerciantes estabelecidos na Rua do Acre, Benedito Hipólito e rua do Mercados, que operam no ramo de cereais, visando ao mesmo tempo atrair as grandes cooperativas de produção para sua localização nos terrenos da Cruzada.” O conflito com os comerciantes perdurou e foi mesmo cogitado, pelos comerciantes, “a construção de um novo mercado municipal às margens da Av. Brasil, onde funcionava o aeroclube de Mangunhos.”¹² Com a desativação do Mercado Municipal, a associação dos comerciantes do antigo mercado municipal acabou construindo a Central de Abastecimento da Guanabara (CADEG), que foi inaugurada no mesmo ano do Mercado São Sebastião, em 1962.

A localização do mercado proposto por Dom Helder, às margens da Avenida Brasil, atendia às expectativas de investimento e de desenvolvimento econômico da área. Apesar de ter sido inicialmente previsto um ramal ferroviário, os alimentos comercializados pelo mercado seriam transportados pela Avenida Brasil e com fácil conexão com as principais estradas federais que cortavam à cidade e o Estado do Rio de Janeiro.

Em maio de 1957, Dom Helder, com apoio do presidente Juscelino Kubitschek, pediu a Francisco Negrão de Lima, prefeito do então Distrito Federal, recursos para o aterro dos terrenos de mangue cedido à Cruzada. Deu como justificativa que a criação do Mercado nesse novo polo industrial, além de propiciar recursos para a Cruzada, traria recursos financeiros para a Prefeitura do Distrito Federal. No documento em que solicita à Negrão de Lima o aterro do terreno cedido à Cruzada, Dom Helder explicita os motivos da solicitação, sendo um deles a “criação de uma zona industrial e portuária, que promoverá, evidentemente, um poderoso fator de enriquecimento para o Distrito Federal, e determinará uma ponderável parcela de acréscimo aos recursos financeiros da Prefeitura do Distrito Federal.”¹³

O Rio de Janeiro, além de consumidor, era ainda um grande polo distribuidor, abastecendo não somente as cidades adjacentes, mas também áreas mais afastadas de todo o país. O Mercado São Sebastião significou uma nova etapa na história do abastecimento na cidade, redimensionando-o, doravante, para um contexto metropolitano. O objetivo era assim descentralizar as atividades do mercado atacadista, retirando-as das áreas centrais da cidade, já de difícil acesso por causa do intenso tráfego. A construção do novo centro de abastecimento da cidade alterou a distribuição e fomentou a emergência de novas centralidades.

Segundo Heloísa Lobo (2014), o Mercado São Sebastião é uma área importante no cenário econômico regional e mesmo nacional por concentrar armazéns e distribuidoras de produtos alimentícios e a Bolsa de Gêneros Alimentícios (BGA), sua principal edificação. Configurou-se, deste modo, como o

¹² 9ª reunião do Conselho deliberativo de 10 de dezembro de 1957. Núcleo de Memória da PUC-Rio. Acervo Maria Luiza e Edgard Amarantes. Caixa 1.

¹³ Carta de Dom Helder Câmara enviada a Francisco Negrão de Lima para solicitar aterro de terreno cedido a Cruzada (31 de maio de 1957). Núcleo de Memória da PUC-Rio. Acervo Maria Luiza e Edgar Amarante, Caixa 2.

principal centro abastecedor da cidade e um dos maiores da América Latina. Nesse sentido, reveste-se de uma função de capital importância e que vai muito além da cidade do Rio de Janeiro.

A capacidade de articulação de Dom Helder, que o fazia transitar por diversos grupos sociais, dava-lhe credibilidade para desenvolver projetos de interesse do poder público. A construção do Mercado, em sua visão, vinha suprir três setores da vida urbana: o comércio e a indústria, na perspectiva de fornecer gêneros alimentícios, de movimentar o setor de serviços e potencializar a economia local; e também o problema habitacional que cercava o Rio de Janeiro. Segundo Heloísa Lobo (2014), era previsto a construção de conjuntos habitacionais dentro do espaço cedido à Cruzada para a construção do Mercado. O setor residencial nunca foi efetivamente concluído, a não ser pelas diversas ocupações que ocorreram a partir da década de 1990 em galpões abandonados do Mercado São Sebastião.

Embora o Mercado tivesse um grande potencial como polo de abastecimento, o abandono que o mesmo sofreu por parte das autoridades causou evasões dos empresários e sócios, despencando os valores de arrecadação e volume comercializado. Na década de 1990, o Mercado chegou a ser considerado o terceiro maior arrecadador de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços – ICMS – do Rio de Janeiro (Monteiro, 2005). A decadência do Mercado começou ainda na década de 1990, quando começou o processo de desqualificação e abandono do local (Monteiro, Op.Cit.). O transporte público interno foi interrompido, o asfalto se desfez e não foi repostado, não havia mais tratamento de saneamento básico e nem segurança pública.

O complexo teria ficado sem investimento público por cerca de 10 anos, sobretudo por causa da disputa judicial entre a Prefeitura do Rio de Janeiro e a Sociedade de Desenvolvimento de Mercados (SODEME) pela posse do local. Enquanto ainda tramitava o processo judicial, o Governo Municipal responsabilizava a Igreja pelas condições precárias nas quais se encontrava o Mercado. Por causa da disputa judicial com a empresa Sodeme, que obteve liminar de posse da área em 1998, a prefeitura ficou uma década impedida de prestar serviços públicos àquela área, como coleta de lixo, manutenção da iluminação pública e policiamento, entre outros. Mesmo com a ausência de manutenção, o mercado movimentava cerca de R\$ 100 milhões por dia nos leilões, tendo mais de 700 empresas de produtos alimentícios, que sinalizavam os preços para todo o país.¹⁴

Em 19 de junho de 2012, o jornal O Globo publicou uma reportagem com o título “Mercado São Sebastião: uma trajetória de glamour e decadência”, em que mostra o Mercado com condições precárias e com muitos casos de violência, iniciados, como dito anteriormente, ainda na década de 1990. Muitos depósitos foram ocupados e a presença do tráfico de drogas era ostensiva nas ruas locais. Ainda assim, segundo a matéria, 80% dos alimentos do Rio de Janeiro eram negociados no Mercado, correspondendo a uma movimentação anual de R\$ 200 bilhões.

¹⁴ Ver Flávia Villela. Prefeitura do Rio retoma posse da área do Mercado São Sebastião, 17/04/2009 in <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/04/17/ult5772u3642.jhtm>, acessado no mês de junho de 2018.

O que ficou de fora da reportagem foi um fato ocorrido pouco antes, o reassentamento de 318 famílias que viviam na área para apartamentos do programa federal Minha Casa Minha Vida, nos bairros de Santa Cruz e Campo Grande. Os moradores, que ocuparam os galpões abandonados do Mercado São Sebastião, procuravam alguma estratégia para ficar próximos dos locais de moradia. Conforme analisa Lobo (2014), os empresários do Mercado São Sebastião utilizaram ironicamente a própria memória da remoção de moradores do Bairro São Sebastião pela Cruzada, na década de 1950, para justificar as remoções no local. Afirmaram que a remoção para Zona Oeste era uma solução digna para aqueles moradores, que viviam em condições precárias no Mercado e, segundo Lobo (2014), colocaram à disposição recursos para tornar possível a operação de reassentamento (cessão do auditório do mercado para reuniões, aluguel de ônibus para visita dos condomínios na Zona Oeste, oferta de lanches para as reuniões...).

No entanto, não deixa de ser curioso e mesmo paradoxal que em uma obra idealizada por Dom Helder Câmara, os favelados sejam removidos para o outro extremo da cidade, destoando completamente do princípio defendido pela Cruzada de reassentar os moradores nas proximidades de sua moradia de origem. A situação é, ainda mais complexa, quando sabemos que o processo de remoção se iniciou com um incêndio das áreas ocupadas no mercado, em 2011. Assim como os incêndios que atingiram muitas favelas nas décadas de 1960 e 1970, desencadeando e justificando várias operações de remoções à época (Gonçalves, 2013), não há como determinar se esse, mais recente, do Mercado São Sebastião, foi também criminoso ou não.

Conclusão

A Cruzada São Sebastião exerceu forte influência nas políticas urbanas da cidade do Rio de Janeiro no final dos anos 1950 e início dos anos 1960. Adquiriu mesmo forte repercussão internacional, ao menos no universo católico, conforme demonstra as atas da 15ª reunião do Conselho Deliberativo do dia 10 de agosto de 1959, que afirmou que o conhecido clérigo francês, Abbé Pierre, em visita ao Brasil, tinha percorrido todas as obras da Cruzada e teve ótima impressão. Segundo as atas da reunião, Abbé Pierre, fortemente engajado em atividades sociais na França, teria dito no tocante ao problema da habitação popular que “não há em nenhum lugar do mundo, da parte da iniciativa privada, nada de mais amplo, mais inteligente e mais eficaz do que o trabalho da Cruzada São Sebastião.”¹⁵

Além do condomínio construído no Leblon para reassentar moradores da Praia do Pinto e dos apartamentos entregues no Morro Azul no Bairro do Flamengo, a Cruzada esteve presente em inúmeras favelas com projetos sociais e de melhorias urbanísticas diversas. Como analisamos, a proposta da Cruzada se revestia de um discurso conservador, moralista e com forte retórica anticomunista. No entanto, manteve

¹⁵ Núcleo de Memória da PUC-Rio. Acervo Maria Luiza e Edgard Amarante, Caixa 1.

a posição de urbanizar favelas e de, quando necessária a remoção, que os moradores fossem necessariamente transferidos para áreas próximas. Como citamos anteriormente, as intervenções da Cruzada procuraram sempre se pautar nessa premissa, o que inclusive afastou a Cruzada de qualquer iniciativa em prol das remoções realizadas na cidade a partir de 1962.

Junto com a habitação, a Cruzada exerceu também forte impacto na distribuição e comercialização de mercadorias na região metropolitana com a criação do Mercado São Sebastião. Esse mercado reforçou a transferência do mercado alimentício atacadista do centro da cidade para o subúrbio da Avenida Brasil, colaborando para redesenhar o espaço metropolitano. Com a transferência de Dom Helder Câmara para Recife, em 1964, e as mudanças das políticas habitacionais, que se voltaram, como mencionado acima, para a remoção de favelas, a Cruzada perdeu seu dinamismo e sua atuação ficou restrita à gestão do Bairro São Sebastião.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. Economia e humanismo. **Estudos avançados**, vol.26, n.75, p.249-266, 2012.

CÂMARA, Helder. **Les conversions d'un évêque. Entretiens avec José de Broucker**. Paris: Seuil, 1977.

COUTINHO, N. **Um ensaio de aplicação das técnicas de organização social de comunidade num projeto piloto de conjunto residencial para ex-favelados**. Rio de Janeiro: Sesc, 1959.

GONÇALVES, Rafael Soares, **Favelas do Rio de Janeiro. História e Direito**, Editoras Pallas e PUC-Rio, 2013.

GONÇALVES, Rafael Soares, “Pelo direito de permanecer: mobilização política e o acesso a serviços de água e luz nas favelas cariocas no período pós-estado novo”, **Revista Libertas**, v.15, n.2, p. 295-314, 2015.

GONÇALVES, Rafael Soares, Simões, Soraya Silveira e Freire, Leticia de Luna, “A contribuição da Igreja Católica na transformação da habitação popular em problema público na França e no Brasil”, **Cuadernos de Antropología Social**, nº 31, pp. 97–120, 2010.

GUARNIERI, Enny. **Uma experiência de promoção social**. Cruzada São Sebastião. Rio de Janeiro: CBCISS. 1965.

HARRINGTON, Michael, **The Other America: Poverty in the United States**. New York: Macmillan, 1962.

LEWIS, Oscar, **La cultura de la pobreza**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1972.

LOBO, Heloísa Carmello Rocha. Processo de remoção: sociabilidades, disputas e conflitos em uma região comercial na cidade do Rio de Janeiro. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, **Anais...**, Natal, 2014.

MONTEIRO, Milla. Desordem urbana mata Mercado São Sebastião, **Revista Associação Comercial do Rio de Janeiro**, 2005

MOTTA, Marly Silva da. **O Rio de Janeiro continua sendo?** Rio de Janeiro: CPDOC, 2000.

- PARISSE, Lucien. **Favelas do Rio de Janeiro. Evolução e sentido.** Rio de Janeiro: Cenpha, 1969.
- PERLMAN, Janice, **O mito da marginalidade. Favelas e políticas no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977
- SAGMACS (Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais), “Aspectos humanos das favelas cariocas, **O Estado de São Paulo**, 13 e 15 de abril de 1960, p.38.
- SIMÕES, Soraya Silveira. **Cruzada São Sebastião do Leblon: Uma etnografia da moradia e do cotidiano dos habitantes de um conjunto habitacional na Zona Sul do Rio de Janeiro.** Niterói: UFF, 2008.
- TARGUETA, Matheus Lima, **Uma cruzada para a cidade: Dom Helder Câmara e o Rio de Janeiro nas décadas de 1950 e 1960, Relatório de Iniciação científica, PUC-Rio, 2017** in <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/documentos/producao-nucleo/pibic/uma-cruzada-para-cidade-dom-helder-camara-rio-janeiro/relatorio-uma-cruzada-para-cidade-dom-helder-camara-rio.pdf> (acesso junho de 2018).
- VALENTINE, C. **La cultura de la pobreza.** Buenos Aires: Amorrortu editores, 1972.
- VILLAR, O. M.; LAFOY, P. de la P.; URIBE-ECHEVARRÍA, F. **La Marginalidad Urbana: Origen, proceso y modo. Resultados de una encuesta en poblaciones marginales del Gran Santiago.** Buenos Aires: DESAL, 1970.